



OS BRANCOS SABERÃO RESISTIR?¹

Gabriel Nascimento²

Resumo: O presente ensaio tem como origem o convite para falar no I Simpósio de Literaturas Africanas e Afro-brasileiras: Encruzilhadas Epistemológicas, fechando o novembro negro de 2018. Naquela ocasião, pós-eleição de 2018, estava em jogo a discussão sobre a violência dos nossos corpos negros desde sempre versus o enorme desespero, sobretudo dos militantes brancos de esquerda, que se avolumava após aquela eleição. O meu lugar de escritor negro do Sul da Bahia me colocava ali um desafio: despertar o olhar daquela plateia (de maioria branca, como ainda são as nossas universidades) para uma resistência ao fascismo que já nasceu e há séculos resiste ao racismo. Caberá aos brancos fazer o mesmo?

Palavras-chave: Novembro Negro; Violência; Escritor Negro.

WILL THE WHITES BE ABLE TO RESIST?

Abstract: This work arises from an invitation to lecture at the I Symposium on African and Afro-Brazilian Literature, at the end of the so-called Black November in Brazil. Back then, under the aftermath of the presidential election of 2018, was at play the enormous violence against our black bodies since the old times of enslavement and colonialism in comparison with the very desperation of whites after the election. The way I was positioned in there as a writer made me embrace a challenge: I should position a wake for that audience (mostly white) in order to provide them a point that resistance to fascism is already born and (through black workforce) resisted for centuries to racism. Should the whites do the same?

Keywords: Black November; Violence; Black Writer.

LES BLANCS SERONT-ILS CAPABLES DE RESISTER?

Résumé: Cet essai découle d'une invitation à donner une conférence lors du I Symposium sur la littérature africaine et afro-brésilienne, à la fin du soi-disant novembre noir au Brésil. À l'époque, à la suite de l'élection présidentielle de 2018, je devrais parler de l'énorme violence sur nos corps depuis les temps anciens de l'esclavage et du colonialisme, en comparaison au désespoir des Blancs après les élections. La manière dont je m'y suis positionné en tant qu'écrivain m'a lancé un défi: je devrais placer un sillage pour ce public (la plupart des Blancs) afin qu'ils puissent voir une résistance au fascisme qui est née parce qu'elle a résisté à des siècles de racisme. Les Blancs devraient-ils faire la même chose?

Mots-clés: Novembre Noir; La Violence; Écrivain Noir.

¿LOS BLANCOS PODRÁN RESISTIR?

¹ Esse texto é uma versão adaptada da palestra proferida no I Simpósio de Literaturas Africanas e Afro-brasileiras: Encruzilhadas Epistemológicas, realizado em Ilhéus-BA, nos dias 26 e 27 de novembro de 2018, na ocasião em que falei como escritor negro do Sul da Bahia. Agradeço fortemente à minha amiga, a professora Dra. Franciane Conceição da Silva, por uma leitura prévia da primeira versão desse texto.

² Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia, tendo sido *Visiting Scholar* na University of Pennsylvania, sendo atualmente membro da direção nacional da União de Negros e Negras pela Igualdade (UNEGRO). *E-mail:* gnsantos@usp.br



Resumen: Este ensayo surgió a partir de una invitación a dar una conferencia en el I Simposio sobre Literatura Africana y Afrobrasileña, al final del llamado Noviembre Negro en Brasil. En mi presentación, bajo las consecuencias de las elecciones presidenciales de 2018, reflexioné a respecto de la enorme violencia a la que nuestros cuerpos negros son sometidos, desde los viejos tiempos de esclavitud y colonialismo, en comparación con la desesperación de los blancos después de las elecciones. Hice un discurso provocativo, con el propósito de despertar a la audiencia (en su gran mayoría personas blancas) para que pudieran ver una resistencia al fascismo, que nosotros, personas negras, siempre tuvimos porque resistimos a siglos de racismo. ¿Los blancos lograrían hacer lo mismo?

Palabras clave: noviembre negro; violencia; escritor negro.

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados "antropólogos" e "sociólogos". Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje.

(Guerreiro Ramos, "Patologia Social do branco"/ Jornal do Comércio, 1955).

A sugestão do título desse texto, "Os brancos saberão resistir?", longe de transparecer uma tentativa de afronta despropositada, tem como marca o último dia 28 de outubro de 2018. Naquela noite recebi várias mensagens desesperadas. Algumas misturavam choro e horror. Não por acaso. Foi o dia da vitória de Bolsonaro e do fascismo nas urnas. Foi o dia em que, em resposta às pessoas, eu dizia: "Existir é resistir". Algumas já existiam, como brancas, e não entendiam os que ainda não podiam existir enquanto humanos. Outras entenderam rapidamente a chamada, porque tinham que lutar todos os dias contra o racismo. Continuar existindo num país que mais mata jovens negros no mundo era resistir. Eu enxergava aquele imenso desespero, mas eu não conseguia me enxergar nele. Poucos sabiam, ou sabem, mas nossos corpos já vivem de maneira intermitente num imenso desespero.



A primeira chacina que acompanhei na vida foi aos 10 anos. Numa madrugada comum, tiros foram ouvidos numa casa vizinha à minha, na zona rural de Ilhéus, em um dos distritos mais pobres dessa cidade do sul da Bahia. Todos negros. Por isso não conseguia entender aquele desespero, a não ser pensar que, os que hoje morrem de medo do fascismo, jamais conheceram na flor da pele a tatuagem do racismo. Nosso desespero é todo dia.

Aimé-Cesaire, no ápice de sua sabedoria poética, já acusava em suas palavras, que todos esses traços de desumanidade agora trazidos pelo fascismo:

[...] provam que a colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado; que a ação colonial, a empresa colonial, a conquista colonial, fundada pelo desprezo sobre o homem indígena e justificada por esse desprezo, tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende; que o colonizador, para se dar boa consciência, se habitua a ver no outro o *animal*, e tende, objetivamente, a transformar-se, ele próprio, em animal.. (Cesaire, 1972, p. 5).

E continua o poeta negro martinicano:

[...] ninguém coloniza inocentemente, ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma nação que justifica a colonização – portanto, a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação e negação, chama o seu Hitler (Cesaire, 1972, p. 4).

Esse trecho, retirado do grande *Discurso sobre o colonialismo* retrata bem o momento atual. Não poderia ser diferente o fim de uma sociedade que nunca resolveu estruturalmente o problema do racismo, que mata física e intelectualmente os nossos corpos e nossas memórias todos os dias, que apaga e submete à eterna suspeição a nossa capacidade de viver de maneira independente. Como nos lembra Frantz Fanon (2008), hoje bastante explorado, mas nem sempre citado, o que divide a nós, os negros, dos brancos é a linha do humano. Eu podia hoje estar aqui fazendo a maior crítica do humanismo e de seus problemas, porque, como diz de maneira concreta o antropólogo muçulmano Talal Assad (2003), o Ocidente é um retalho de discursos seculares e secularizantes que nunca concretizaram suas promessas de direitos humanos. Promessas como o sufrágio universal só vieram a concretizar o voto das mulheres a partir da década de 40 na Europa; a primeira crise econômica (décadas de 20 e 30) foi suficiente para os brancos passarem a extinguir o Estado de bem-estar social no continente europeu; a globalização tem dividido cada vez mais o mundo, como diria o geógrafo

negro Milton Santos, entre os iguais e os desiguais. O humanismo merece a nossa crítica porque ele desumanizou o mundo inteiro em nome de uma branquitude angloeurocêntrica, que destruiu o projeto de modernidade com as mãos sujas de sangue do colonialismo e do capitalismo. O humanismo é o projeto que transformou os brancos em humanos e todos os negros em animais. Edward Said (2007), por exemplo, é muito preocupado em compreender como o Ocidente judaico-cristão discursivizou o mundo inteiro. Talal Assad (2003) como o Ocidente discursivizou a si mesmo como o grande projeto liberal que deu certo, tendo dado errado.

Mas, nesse momento, eu nem posso fazer uma crítica do humanismo. Porque o humanismo está acabando.³ E da pior forma. Pela direita mais raivosa e mais cruel. As provas cabais chegaram à mesa. Foi o próprio herói do humanismo, o branco-macho-heterossexual-cristão-europeu, quem destruiu cada uma das promessas e permitiu, como bem discerniu o grande Aimé-Cesaire, o surgimento do fascismo.

É necessário falar duro. Depois dessa eleição eu decidi, como militante, escritor e pesquisador, após quase 8 anos de militância ativa, que falar duro, sem perder a ternura, é poder não perder as oportunidades epistemológicas (que misturam arqueologia e genealogia de onde parto e do que sou⁴) de dizer verdades que precisam ser ouvidas. O Brasil é um país discursivizado por toda a herança de um Ocidente assassino e não seria para menos o espanto da eleição de um defensor da ditadura militar, que passou mais de 27 anos de sua vida política atacando as instituições democráticas, mas que foi eleito democraticamente presidente. É o ápice da crise das democracias liberais do ocidente, nos lembra bem o filósofo Jacques Rancière (2014).

Quero aqui destacar as políticas da morte. E elas são resultado desse Ocidente colonialista que produziu e nomeou todas as raças e grupos do mundo, para dominação. Foi a linguagem desse Ocidente que permitiu as formas mais selvagens de discursivização do mundo. É necessário falar de tantas vidas que morrem e não merecem luto no Brasil. Podia, ao invés disso, estar falando dos heróis da Conjuração Baiana, Lucas Dantas, Luiz Gonzaga, Manoel Faustino e João de Deus do Nascimento,

³ A melhor e mais robusta análise disso vem sendo feita por Achille Mbembe em trabalhos como “Necropolítica”, como também em artigos. Para isso é também relevante conferir também o artigo por ele escrito com tradução para o Português brasileiro: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>>.

⁴ Para uma melhor visão do que entendo como arqueologia e genealogia, ver Foucault (2009) e Nietzsche (1968).

jovens negros, pouco conhecidos na nossa escola baiana, que morreram enforcados na Praça da Piedade em Salvador por liderarem uma revolta contra o Estado colonial em 1798. Podia estar dizendo que a escravidão no Brasil acabou, como nos lembra o historiador Clóvis Moura (2014), não por causa de uma única forma de abolicionismo no século XIX, mas por causa de séculos de revolta armada das milhares de guerrilhas, milhares de quilombos e organizações pró-independência com ampla participação negra, desde a cabanagem até a Revolução Farroupilha, que passaram a gerar prejuízos cada vez mais latentes ao Estado colonial. Podia estar também exaltando Ganga-Zumba, primeiro rei da República palmarina, ou Ganga-Muiça, o comandante das forças revolucionárias daquela república, que era um complexo de quilombos situado em Alagoas e que chegou a ter mais de 20 mil homens no século XVIII. Podia falar da rainha Agotimé, que foi sequestrada e trazida para o Maranhão, e lá foi fundamental para a resistência negra ao regime escravista, fundando uma longa tradição da cultura ewe-fon entre nós. Podia ainda falar de Dandara e Akotirene, de Maria Felipa e Luísa Mahin, mulheres que lideraram as mais hábeis manifestações do mulherismo africano contra a escravidão entre nós. Podia falar do Dragão do mar, jangadeiro que se rebelou contra o regime escravista e contra o tráfico negreiro, ou da famosa guerrilha do quilombo do urubu, ou das guerrilhas que atuavam ali perto do Cabula, ou do Rei Manuel Congo e seu grandioso quilombo nas beiras da Bahia. Podia falar da literatura de Maria Firmina dos Reis, autora negra maranhense considerada a primeira romancista brasileira, ou de Carolina Maria de Jesus, ou de Conceição Evaristo.

Mas eu quero mesmo é continuar chorando os corpos dos 5 jovens do bairro Costa Barros que foram assassinados com 111 tiros da PM⁵ ao comemorar o aniversário de um deles. Eu quero mesmo é chorar, tanto como intelectual quanto como escritor negro, o luto pelo sumiço de vários de mim que se perderam ao longo do caminho. E não dá para não chorar a memória de Marielle Franco, cujos assassinos estão no poder⁶.

⁵ Veja mais sobre esse caso em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>>.

⁶ Nunca é demais adicionar nota quando nossas vidas estão sob suspeição e risco. Para fins de escurecimento, a declaração acima se refere aos assassinos brancos da vereadora, a uma condição de etnicidade e poder (que embasa esta crítica como um todo) daqueles que tiraram a vida de Marielle Franco, uma mulher negra defensora dos direitos humanos que foi brutalmente assassinada. Não se trata, portanto, de uma acusação nominal a outrem, senão àquilo que, no campo da Semântica, denominamos *subentendido*, ou seja, como se trata de um texto falando da branquitude, é da branquitude em geral que estou tratando.



Eu resolvi ser escritor para dar luto a essas pessoas. Na época que escrevi o meu primeiro romance (Nascimento, 2016), eu não estava ainda vivendo sob o governo Bolsonaro, mas já entendia que essa foi a dívida que não pagamos aos nossos irmãos negros, nós os apoiadores dos governos progressistas que dirigiram o país por 12 anos. Eu já entendia naquele momento que essas vidas não merecem luto em nossa sociedade. Não merecem luto de uma branquitude, que é a grande culpada pela guinada do fascismo entre nós, porque essa guinada é um projeto de horror e dor, de tormento e de loucura. Aliás, é assim que o filósofo Achille Mbembe (2014) define a *raça*: como um complexo de tormentos e horror. Mas não criado por nós e ou vindo do nosso berço. A *raça* foi dada a nós pelos europeus colonizadores. Não havia negros na África antes da chegada dos europeus. Isso porque *negro*, como diz Achille Mbembe, é uma criação dos europeus e seu colonialismo. Na língua francesa, por exemplo, esse termo só vai aparecer no século XVI, não por acaso no ápice do tráfico negreiro. Isso mostra o papel da linguagem para a colonialidade do saber. O *negro* não é uma invenção minha e eu não escolhi ser *negro*. O *negro* é uma imposição do branco colonizador, que é mantida pela branquitude e seus privilégios. Ou pelo negro, para resistir.

E é exatamente porque o *negro*, e o racismo, por consequência, são uma criação dos brancos, que os brancos devem ser os responsáveis pelo seu fim. Frantz Fanon (2008) chamou atenção durante muito tempo, como filósofo pós-colonial e marxista revolucionário, para a ideia de que os negros não só herdaram o peso colonial do racismo, mas também a culpa por terem sido escravizados. É o que ele chamava de repartição racial da culpa. A pesquisadora Célia Maria Marinho de Azevedo (1987) demonstra isso no seu livro *Onda Negra Medo Branco*, em que ela mostra como no Brasil os brancos passaram a se preocupar, após 1840, sobre em quem colocariam a culpa por 388 anos de escravidão. Em nós negros, é claro. Para isso, escreveram obras inteiras comparando a escravidão a um regime irracional e os negros como produto desse regime, por serem, por sua natureza, irracionais. O trabalho livre deveria chegar ao Brasil, mas era preciso importar um povo branco, que apagasse séculos de miscigenação. Por isso, não me submeto a esses acadêmicos que hoje celebram a miscigenação como produto da nossa harmônica mistura. Sérgio Buarques, Gilberto Freyre, Raymundo Faoro, Caio Prados Juniors e Florestan Fernandes precisam ser lidos com mais atenção e criticidade. Essa base brancocêntrica weberiana da academia,



que ignora a nossa própria materialidade histórica, vem sendo criticada desde sempre por Clóvis Moura. O que faz intelectuais como Clóvis Moura produzirem tanta resistência a essa academia não é o fato de obter ou não um título de doutorado, mas por não ser branco. Não é demais dizer que a doutora Neusa Santos Souza (1990) tem um trabalho acadêmico muito bem elaborado sobre os problemas da miscigenação para o povo negro e muita gente prefere se entupir de Antônio Risérios para vangloriar uma suposta cultura popular em que a negritude é romantizada, despolitizada e usurpada para se tornar apenas paisagem *bela* e despropositada, em que se apaga as correlações de sequestro, estupro, dores e horror por parte do colonialismo e da branquitude. Eu me rebelo contra isso como escritor. Não é possível continuar escrevendo verdadeiros tratados sobre a história do Brasil sem ler e reler as vozes negras anticoloniais, decoloniais e pós-coloniais. Não é possível ignorar que Lélia González (1988) tenha falado de latinidade amefricana, em que analisa os fortes traços de negritude em toda a América Latina, e sua voz continue sendo ignorada nas academias (como recupera Viana, 2010). Não é possível ler Gilberto Freyre e continuar vociferando a famosa dicotomia *Casa Grande* versus *Senzala* para tudo, da direita à esquerda, sendo que a maioria dos brancos é resultado de variantes da própria Casa Grande. Não é possível, não porque eu tenha lido apenas Jessé Souza (2015), mas porque Clóvis Moura (2014) me contou, a partir de suas análises, que a maioria desses estudiosos brancos e de esquerda venha ignorando séculos de resistência ferrenha ao trabalho escravo pelos próprios negros. As vozes da resistência ao trabalho escravo continuam aqui e agora resistência ao governo Bolsonaro.

Se *negro* é uma criação dos brancos, o racismo é um problema dos brancos. Gosto de citar sempre o estudioso Alberto Guerreiro Ramos (1955), para dizer que o racismo é uma patologia dos brancos. E não dos negros. Gosto de citar também a filósofa branca panamenha (radicada nos Estados Unidos) Linda Alcoff (1998, 2006), para dizer que os brancos precisam sempre desnudar sua branquitude. É preciso aos brancos, antes de tudo, parar de legitimar um espaço de privilégios e passar a questioná-lo a partir da própria branquitude, desconstruindo-a.

Quando eu me tornei escritor, eu ainda estava me graduando na universidade. Nela eu ainda escrevia o romance “O maníaco das onze e meia” (Nascimento, 2016). Alguns dos grandes aprendizados da universidade me ajudaram a combater os males



coloniais de onde vim. A regionalidade praticada institucionalmente nos muros da minha universidade era a regionalidade assassina dos coronéis brancos do cacau. Eu resolvi propor enquanto escritor uma outra regionalidade. A regionalidade em “O maníaco das onze e meia” (Nascimento, 2016) é uma crítica da regionalidade cacauera e coronelista do sul da Bahia. Parece uma blasfêmia afirmar, mas a universidade pública onde estudei só passou a existir porque houve crise do cacau, e crise dos privilégios raciais escravocratas, sendo necessária a figura do Estado para garantir saúde e educação pública para o povo negro à míngua. E isso no romance está representado inicialmente no empresário Kiko Andrada, que é a primeira vítima do assassino em série, que passa a ser chamado de *O maníaco das onze e meia* (Nascimento, 2016). Não é à toa, o que sobra de Kiko pra o filho é uma dívida, o que prova que aqueles bens todos, na verdade, eram pura pose colonial. Isso porque aquela elite tosca nunca se preocupou em criar uma universidade pública naquela região e isso só veio a se tornar realidade quando a elite cacauera já não podia pagar pela antiga Federação das Faculdades privadas da região.

É preciso esquecer o mito da vassoura-de-bruxa que alucina a mentalidade colonial no Sul da Bahia.⁷ Como as atuais *Fake News* eleitorais, questiono que, em um tempo sem defesa fitossanitária, acreditar que o fungo da vassoura-de-bruxa foi apenas implantado para destruir a elite cacauera é a apropriação da própria história por uma colonialidade racista.

A Universidade Estadual de Santa Cruz (onde estudei)⁸ é uma filha da crise do cacau e deve agradecer a essa crise. O sofrimento dos meus pais, a dificuldade de aposentadoria por décadas de trabalho nas roças, é uma consequência dessa cultura miserável, cuja regionalidade branca eu vim combater.

Quando tomei a decisão de escrever um romance policial, eu não sabia que me tornaria um crítico-escritor do gênero. Os textos policiais são todos, eles próprios,

⁷ Para saber mais sobre o declínio do cacau pela vassoura-de-bruxa, como pretendo aqui destacar e questionar, ver < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vassoura-de-bruxa>> e sobre as vinculações apropriadas pela direita para acusar membros do Partido dos Trabalhadores, ver < <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1257586-entenda-o-caso-da-vassoura-de-bruxa>> .

⁸ Para saber mais sobre a Universidade Estadual de Santa Cruz, ver < https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Estadual_de_Santa_Cruz> e sobre sua transformação de federação privada para universidade pública em < http://www.uesc.br/noticias/index.php?&acao=exibir&cod_noticia=1444&sortby=cod_noticia&sortdir=A SC&begin=0&rows=20> .

brancocêntricos e racistas. Vejam Arthur Conan Doyle e o seu Sherlock Holmes, ou ainda Agatha Christie. Mesmo as séries de TV e *streaming*. Vejam *Slasher* ou *Scream*. Todas elas são narrativas que negligenciam o verdadeiro passado de horror de parte da humanidade, que foi a escravidão negreira comercial. Do passado ao presente, são todas essas narrativas uma forma de usurpação por parte de uma branquitude no poder. No entanto, o meu assassino em série (Nascimento, 2016), longe de parecer tradicional, é filho da terra, e fruto da luta de classes e raças na terra. Esse é meu *spoiler*. Eu resolvi escrever um romance fora de moda nas terras grapiúnas,⁹ onde mandava/manda uma pequena (e hoje falida) elite do cacau. Um empresário assassino do próprio filho, que era viado;¹⁰ um tal vereador Jurinho, também *viado*, que tinha ele próprio bons planos sobre os pobres, nada além da caridade da igrejeira. Um comandante de polícia que, para mim, ia figurar como a grande voz crítica do romance, tendo se tornado, ele próprio, mais uma personagem desanimada e incorporada ao sistema cuja colonialidade mata.

Se tudo é idealização, como podem me dizer em resposta a esse ensaio ou ao meu romance, ou mesmo se o que escrevo talvez nunca seja considerado Literatura, eu escrevi um assassino de gente branca, de classe média e herdeira da cultura do cacau. Eu escrevi o assassino dos meus inimigos em “O Maníaco das onze e meia”. Não alimentei ódio nenhum com meu personagem assassino, mas fiz um anti-herói, que é resultado da cultura do ódio contra o preto e o pobre, que representa a luta pela terra.

Porém, o romance policial se passa ao lado do romance da vida. É do Maria Pinheiro, bairro da periferia da cidade, que trago a personagem Mara, uma deficiente negra sem uma das pernas. Do São Pedro, outro bairro da periferia de Itabuna, que invoco Fabrício, um jovem negro que é aliciado pelo tráfico. Não é por pura sorte que o São Pedro é o bairro do meu sobrinho Emerson, hoje em regime aberto.

Foi o desencanto com essa proposta de gênero, e seu brancocentrismo falocêntrico universalista, que me fez encurtar o romance, desde que comecei a escrever a primeira ou segunda morte. Isso porque não relutava em perceber que as maiores

⁹ Grapiúna é adjetivação de quem nasce ou é do Sul da Bahia. A adjetivação faz menção a uma ave branca e preta que era muito comum nessa região.

¹⁰ Reforço aqui o termo usado em meu romance (Nascimento 2016).

mortes eram aquelas advindas do tráfico e do intenso genocídio e encarceramento do povo preto.

Por isso me encantou Fabrício, meu personagem jovem que desde cedo trilhou a desesperança pela modernidade e seu discurso racional e se alinhou ao tráfico. Talvez tenha sido o personagem com o qual eu tenha mais me identificado. Ele mistura várias pessoas reais, com muitos biografemas, que misturam o real e a ficção, e a ficção fazendo o real virar a curva da Literatura. Ele mistura corpos que vi tombando desde o início da minha vida. Eu queria falar de todos eles, mas o que mais me rememora é a relação que o romance faz entre ele, Fabrício, e Gavroche, personagem de Victor Hugo (em *Os miseráveis*), que tombou nas manifestações pós-revolução francesa. No tempo que eu escrevi Fabrício, filho de Ana, que é empregada preta na casa do vereador Jurinho, eu pensei que a morte dele pudesse se tornar um simulacro do que é uma guerra sem sentido. A guerra às drogas é uma guerra sem sentido que vitima todos os dias o povo negro nas nossas cidades.

Basta ler os números. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil.¹¹ Os dados dos últimos mapas da violência são reveladores. A morte e encarceramento do povo preto só têm aumentado. Em 2012, dos mais de 30 mil jovens assassinados, por exemplo, 77% eram negros.¹² Isso é maior do que muitas guerras declaradas no mundo. E esse número só tem crescido conforme mostram os últimos mapas da violência.

Não precisa ir longe. Basta adentrar os muros dos bairros pobres de nossas cidades. Basta andar qualquer periferia brasileira. O que nos diferencia das pessoas brancas é que nossas vidas não merecem luto.

E não merecem luto, relembro Achille Mbembe (2011), porque a ideia de modernidade traz consigo a ideia de liberdade dos corpos brancos apenas e soberania deles a partir de uma política moderna que, ao passo que celebrou o discurso dos direitos humanos, enterrou e dizimou vidas negras e indígenas através dos modernos sistemas de colonialismo.

¹¹ Ver <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>.

¹² Ver <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>.



O que tornou o capitalismo europeu tão moderno, nos lembra o grande teórico Enrique Dussel (1993), foram os modernos regimes de escravidão dos negros e dizimação dos índios, levando ao que ele chama de colonialidade do saber.

O luto tem a ver com o valor de um corpo. Uma cena como a morte de Fabrício é também uma cena epistêmica. Os jornais, que no romance se preocupam tanto com um assassino em série decepando a cabeça de “gente de bem” (porque branca e de classe média), não se importam com os mortos do Morro do Urubu ou do Morro da Tapera?¹³ Quem vai se importar com as dores de mães cujas lágrimas nem mais existem, de tanto chorar, porque muitas vezes perderam mais de 1 filho para essa política cruel da morte?

Luto tem a ver com quais corpos merecem soberania. Se vocês abrirem um periódico do século XVIII e assistirem o Balanço Geral,¹⁴ vão ver pouca diferença entre a política da morte dos corpos negros. Talvez consigam até imaginar que ela vem se expandindo. A política do terror de Estado. A política de um Estado terrorista, para o qual a paz está alicerçada e é crime resistir. Não dá para moralizar o tráfico. Não dá para ser ascético e entender que o tráfico é um alienígena em nossa sociedade. O tráfico é nossa sociedade. Foi isso que tentei propor em “O Maníaco das onze e meia”. O tráfico só existe porque ele parece resistir (de maneira cruel e tenebrosa para os nossos corpos negros) a uma sociedade fundada na colonialidade. É uma resistência em forma de horror. Nem comemorar nem ser ascético. É preciso conhecer (e bem) o mundo antes de resolvê-lo.

O meu romance fala da legitimação da morte desses corpos. No Brasil quem morre tem cor, a cor negra. Se formos olhar o mundo do trabalho, ele tem cor e gênero. O gênero feminino e a cor negra. Se formos analisar o perfil do trabalhador brasileiro, eu diria que esse trabalhador é mulher e negra. Esse é o público também mais afetado por essa política de desindustrialização e desemprego criada e impulsionada pela Lava Jato. Também não é mero acaso que sejam as mulheres negras, essas que hoje lideram as formas de desemprego, aquelas que mais resistiram ao regime escravocrata, ou se submeteram ao castigo do trabalho doméstico, se entranharam nos matos com os

¹³ O Morro do Urubu fica dentro do bairro Fonseca, na periferia de Itabuna, enquanto o Morro da Tapera fica dentro do bairro de mesmo nome, na periferia de Ilhéus.

¹⁴ Referência a um programa policial de televisão do Sul da Bahia, muito comum nas afiliadas da TV Record pelo país.



homens para construir quilombos, ou contribuíram para resistir à escravidão por meio da religião dos brancos, como é o caso da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte,. Relembro Gilberto Gil, que cantou “Quando os povos negros chegaram aqui, não tinham liberdade de religião, adotaram o senhor do Bomfim, tanto resistência quanto rendição”¹⁵. Gilberto Gil desvenda o duplo caráter do signo do racismo, que tenho tentado teorizar como jovem negro intelectual, que é uma identidade a nós imposta, que aceitamos tanto como resistência, embora ela tenha sido enunciada inicialmente enquanto rendição. Por isso, não aceito Antônio Risério e o substituo por Neusa Santos Souza (1990), que entende as narrativas de branqueamento do povo negro como um sofrido processo de tentativa de sobrevivência. A minha mãe, quando me mandava cortar o cabelo, não queria negar a minha identidade negra porque achava simplesmente feia, mas porque temia que eu fosse confundido como bandido. Não se pode ignorar que esse branqueamento, imposto a ela e a mim, é também, por parte dela e de mim, resistência. Porém, não se pode celebrar esse tipo de resistência como obrigatória, porque resistir, se negando, é doloroso. Por isso, viver é resistir e é revolucionário num país que nos mata.

De onde vem o nosso tormento, senão da necessidade de resistir a tudo, inclusive diaramente às formas institucionais de racismo? Angela Davis (2003), por exemplo, cutuca: é preciso ir além do aprisionamento dos corpos negros como forma de resolver violências oriundas das temáticas da colonização. A autora inova no pensamento ocidental ao traduzir o marxismo numa plataforma de conhecimento das próprias resistências do nosso povo. Não é possível admitir, por exemplo, uma lei aprovada ainda na gestão petista, em 2006, que tira a identificação mínima de quantidade de gramas pela apreensão policial, e joga esse julgamento nas mãos de uma polícia racista e assassina que trata, de maneira diferente, jovens negros e brancos. Aos jovens brancos, como já presenciei em delegacia, se arvora a inocência de serem apenas usuários com 10 gramas de maconha. Aos jovens negros, como a Rafael Braga, sobra o encarceramento e a morte.

Os corpos brancos têm direito à soberania dos seus corpos. Aos corpos negros cabe a morte. A geografia da soberania somente dos corpos brancos não impacta (com tormento e morte) somente nossos corpos negros, mas todas as nações que foram

¹⁵ Ver < <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/555171/>>.

colonizadas. Desde o acordo de Westfália, como questiona Nancy Fraser (2007), o conceito de soberania é construído tendo como base os estados-nações europeus. Porém, a invasão dos estados plurinacionais e multiétnicos africanos jamais respeitou a soberania daqueles povos.

Quero nesse ensaio falar de novo de Literatura (como jovem escritor e intelectual), mas falar também (como linguista) do signo da raça. Para mim, pensando em Mbembe (2014), entendo que agora os brancos também podem sentir um pouco do que durante séculos de escravidão negreira foi submetido aos corpos negros. É o que Mbembe (2014) tem chamado de *devir-negro do mundo*, em que as condições de opressão submetidas durante séculos aos corpos negros agora são incorporadas na geografia global pelo próprio neoliberalismo¹⁶. Para traduzir melhor, Bolsonaro deve invocar nas pessoas brancas a necessidade de se repensar como produtos de uma materialidade racista de séculos. Por isso, para se resolverem e derrotarem Bolsonaro e o fascismo, essas pessoas precisam resolver antes o problema colonialista do racismo.

Os brancos deviam pensar, repensando sua própria geografia regional (porque acredito, sim, que todo mundo fala a partir de uma regionalidade, crítica ou acrítica, do poder) que a branquitude é um sistema de poder. Nem sempre foi assim, como me lembra Linda Alcoff (2015) em *The Future of Whiteness*. A guinada da branquitude se confunde com a do colonialismo e do capitalismo.

Raça e classe se confundem porque são firmadas no mesmo jogo da colonialidade do poder. Na Europa é classe que subjuga; para nós é raça. Raça primeiro.

Por isso, repensando Fanon e Mbembe, quero dizer que o mundo tem a grande oportunidade de lutar contra o fascismo, repensando o que fez durante séculos aos corpos e agentividades negras.

Refletir o que se fez e tem feito com as agentividades dos intelectuais negros e das intelectuais negras, por exemplo, é fundamental. Por mais que escrevamos e pesquisemos, ainda parecemos invisíveis. Essa academia pode ter admitido a entrada de negros, mas mantém em sua base um pensamento brancocêntrico ultra-hegemônico. Não se trata de não ler autores europeus ou brancos. Nem temos esse privilégio.

¹⁶ Isso não significa, em nenhuma medida, uma comparação entre o que a geografia neoliberal incorporou e o racismo estrutural, que continua a existir. Mas da incorporação global de algumas dessas características, como é o caso da submissão colonial agressiva promovida pelo mercado de capitais.



Não temos privilégio de ter que tratar com brancos. E é por isso que devemos conhecer bem toda essa literatura brancocêntrica, para desconstruí-la, passo a passo, em todas as nossas atividades. Pensando na ideia de “delinking” de Walter Mignolo (2009), por exemplo, desobediência epistêmica para mim não significa romper com o Ocidente de uma hora para outra, como se isso fosse possível, mas de construir uma ponte de transição entre o moderno e o transmoderno.

Por isso, para concluir essas reflexões, é preciso dizer que me vejo em Fabrício, meu personagem, todos os dias. Nem preciso adiantar no *spoiler* desse ensaio que ele morre no romance (Nascimento, 2016). Sua morte é exaltada como deveria ser a morte de todos os bandidos que resistiram a uma guerra sem sentido. Me vejo em Fabrício desde o dia que passei a ser jovem e passei a ser motivo de suspeição da polícia. Me sinto Fabrício ao não sair desacompanhado de uma mulher numa periferia, ou de ter que dar explicações a outros homens negros, para não ser confundido como membro de uma facção, quando adentro o perímetro de qualquer bairro de periferia. Me sinto Fabrício quando não posso entrar numa conveniência de posto de gasolina com as mãos no bolso.

Não é possível escrever literatura e se esquecer de cada uma dessas palavras aqui problematizadas. Eu, por exemplo, gosto sempre de reler a carta dos negros que sequestraram o Engenho de Santana em 1789 (que considero como a primeira greve de trabalhadores da história do país, liderada pelos pretos muçulmanos), que traduz a vontade de sermos tratados como seres humanos, ou, repensando Fanon, acima da linha do humano. Trata-se da voz da nossa escrevivência diária. É a partir disso que pensamos:

Meu senhor, nós queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor quiser paz há de ser nessa conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos a saber. Em cada semana nos há de dar os dia de sexta-feira e de Sábado para trabalharmos para nós não tirando um destes dias por causa de dia santo. Para podermos viver nos há de dar rede, tarrafa e canoas. Na planta da mandioca, os homens queremos que só tenham tarefa de duas mãos e meia e as mulheres de duas mãos (Marcis, 2000).



Nesse pequeno trecho é possível ver a vontade do nosso povo de ser tratado acima da linha do humano e não abaixo, lembrando Fanon. Não é possível que isso continue sendo ignorado por nossas pesquisas.

Ao ignorar essas narrativas, que trago em meu primeiro e pequeno romance, também ignoramos vozes que falam todos os dias as verdades que precisamos ouvir. Somos a mesma esquerda que quer continuar falando entre nós e acha que o povo é o grande culpado por não mais nos ouvir e preferir votar no fascismo. Somos aqueles que não aceitam que o golpe, que foi dado contra a democracia em 2016, veio dos mesmos laboratórios acadêmicos¹⁷ de onde geralmente sai a hegemonia do pensamento de esquerda no país, a universidade.

Trago comigo a escrivência de Conceição Evaristo porque ela é muitas mulheres de gerações de nossas famílias que não conseguiam falar antes. Tenho Conceições Evaristos ainda lá em casa que são escritoras natas, mas não possuem oportunidades para falar. O letramento é uma política de exclusão, e é necessário parar de estudar isso como uma coisa boa.

Encerro essas reflexões com algumas provocações que instituem e transgridem esse ensaio enquanto gênero textual *a priori* eurocentrado:

Vocês, pessoas brancas, estão prontas para encarar o racismo de frente?

Sem bravata, os brancos estão prontos para questionar que o fascismo só é fascismo porque ele tem, antes de tudo, uma raiz eminentemente colonial racista?

Vocês estão preparados para resistir?

Estão ainda de prontidão para entender que, sim, precisam ser cobrados vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, por causa do racismo?

Estão prontos para valorizar vozes negras na Literatura e na pesquisa, a promover essas vozes sem ficar questionando uma essência de qualidade que vocês não cobram normalmente nas pessoas brancas? Porque a nós, nos cobram sempre para sermos duas vezes melhores, e isso só faz vocês reforçarem uma visão que pensa pós-graduação, pesquisa e ciência essencialmente como vocação branca.

O humanismo está chegando ao seu fim. Cabe a todos nós, mas sobretudo às pessoas brancas, a defesa do que sobrar dele.

Enquanto houver racismo não haverá paz para ninguém no Brasil. Nem para os brancos.

¹⁷ Aqui trago à luz a tese de que toda a base do golpe vem de acadêmicos da Universidade de São Paulo, não por acaso também base brancocêntrica do pensamento de esquerda no país.

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, L. *Visible identities: race, gender, and the self*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ALCOFF, L. *The Future of whiteness*. Cambridge: Polity Press, 2015.
- ALCOFF, L. M. What should white people do. *Hypathia*, v.13, n.3, 1998.
- ASAD, T. *Formations of the Secular: Christianity, Islam and Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- AZEVEDO, C. M. M. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites- século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DAVIS, A. *Are prisons obsolete?* Toronto: Seven Stories Press, 2003.
- DUSSEL, E. *1492- O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- FANON, F. *Black Pele Máscaras Brancas*. Londres: PlutoPress. 2008.
- FOUCAULT, M.. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRASER, N. Transnational Public Sphere: Transnationalizing the Public Sphere: On the Legitimacy and Efficacy of Public Opinion in a Post-Westphalian World. *Theory, Culture & Society*, 24(4), 7–30, 2007.
- GUERREIRO RAMOS, A. Patologia social do “branco” brasileiro. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 1955.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- MARCIS, T. *Viagem ao Engenho de Santana*. Ilhéus: Editus, 2000.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE A. *Necropolítica*. Sta. Cruz de Tenerife: Melusina; 2011.
- MIGNOLO, W. D. Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. *Theory, Culture & Society*, 26(7–8), 159–181, 2009.
- MOURA, C. *Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5ed. São Paulo, Anita Garibaldi, 2014.
- NASCIMENTO, Gabriel. *O Maníaco das onze e meia*. Rio de Janeiro : Editora Multifoco (Desfecho romances), 2016.
- NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.



RANCIÈRE, J. *Ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, J. *A tolice da inteligência brasileira*. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VIANA, E.E.S. Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. *Revista da ABPN*, v.1, n.1, 2010.

Recebido em janeiro de 2019
Aprovado em março de 2019